

O TÚMULO QUE CHORA E A FÉ QUE RECOLHE: UM MILAGREIRO DE CEMITÉRIO EM LONDRINA-PR

THE TOMB THAT WEEPS AND THE FAITH THAT GATHERS: A CEMETERY MIRACLE WORKER IN LONDRINA, BRAZIL

Marcos Belarmino de Paula Santos¹
Marco Antonio Neves Soares²

RESUMO: José Osvaldo Schietti, falecido em 1950 aos oito anos, é milagreiro no Cemitério Municipal São Pedro em Londrina-PR. Este estudo analisa a construção de sua devoção e o catolicismo popular em seu túmulo, incluindo orações, rituais, oferendas e ex-votos. A pesquisa qualitativa envolve revisão bibliográfica, análise documental e fotográfica. Observa-se a sacralização do espaço com flores, velas e súplicas, revelando significação religiosa e cultural. A devoção ao santificado popular destaca o catolicismo não institucionalizado e seu papel na memória coletiva. Os rituais mostram como a fé cotidiana ancora-se em figuras comunitárias, reforçando laços simbólicos e mantendo tradição à margem da oficialidade.

Palavras-chave: José Osvaldo Schietti; milagreiro de cemitério; catolicismo popular;

ABSTRACT: José Osvaldo Schietti, who died in 1950 at the age of eight, is venerated as a miracle worker at the São Pedro Municipal Cemetery in Londrina, Paraná State. This study analyzes the development of devotion to him and the popular Catholicism surrounding his grave, including practices such as prayers, rituals, offerings, and ex-votos. The qualitative research involves bibliographic review, documentary analysis, and photographic records. The sacralization of the space is observed through flowers, candles, and supplications, revealing its religious and cultural significance. Devotion to this popularly sanctified figure highlights non-institutionalized Catholicism and its role in collective memory. These rituals demonstrate how everyday faith anchors itself in community-recognized figures, reinforcing symbolic bonds and sustaining a tradition outside official religious channels.

KEYWORDS: José Osvaldo Schietti; cemetery miracle worker; popular catholicism

¹ Graduando em História (UEL). Universidade Estadual de Londrina. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-1675-6618> Email: marcosb_hg@hotmail.com

² Doutorado em História (Unesp). Universidade Estadual de Londrina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6311-8909> Email: samusque@uel.br

Recebido em: 31/07/25.

Aprovado em: 06/08/25.

Publicado em: 06/08/25.

Introdução.

Milagreiros de cemitério são presenças comuns nos cemitérios brasileiros. Esses personagens, considerados sagrados por diferentes indivíduos e grupos sociais, são associados à realização de milagres cotidianos, como a cura de doenças, a solução de problemas amorosos e o êxito profissional (Sáez, 1996). Os túmulos onde estariam enterrados esses mortos transformam-se em locais de devoção, passando a receber ex-votos como forma de agradecimento pelas graças alcançadas. Esse fenômeno geralmente ocorre à margem das instituições oficiais da Igreja Católica, cujo processo de canonização é longo e complexo. O Cemitério Municipal São Pedro, localizado em Londrina, no Paraná, não foge a essa lógica. Nele, destaca-se uma sepultura que se tornou especialmente conhecida por um suposto fenômeno: a água que jorraria do túmulo, atribuída a poderes milagrosos, com relatos até mesmo de curas de enfermidades.

José Osvaldo Schietti, falecido ainda criança em 21 de maio de 1950, seria o famoso milagreiro, considerado pela comunidade londrinense e sepultado neste espaço, no centro de Londrina-PR. Este trabalho, ainda em andamento, objetiva analisar as manifestações do catolicismo popular em torno de seu jazigo, identificando práticas devocionais, oferendas, rituais e orações, bem como seu impacto na identidade religiosa e comunitária londrinense. Para tanto, a pesquisa adota o próprio sepulcro como fonte, o qual segundo o *Dicionário do Patrimônio Cultural* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além de serem espaços de sepultamento, carregam significados que transcendem sua função inicial. No campo da História, eles se tornam fontes valiosas para a compreensão de diferentes aspectos culturais, sociais e religiosos das sociedades. A materialidade da sepultura – sua arquitetura, inscrições, símbolos e objetos deixados pelos devotos – revela informações sobre as crenças e práticas funerárias.

Essa abordagem é possibilitada a partir de uma análise da cultura material, a qual pode ser compreendida como o conjunto de objetos, artefatos, construções e demais elementos tangíveis produzidos, utilizados ou atribuídos de significado por uma sociedade. Esses materiais não são apenas utilitários, mas carregam simbolismos, valores e significações sociais, sendo fundamentais para compreender modos de vida, relações sociais e representações culturais de um grupo em determinado tempo e espaço (Schlereth, 1982).

Para registrar a cultura material abordada no decorrer do presente trabalho, foram produzidas fotografias em diferentes momentos a respeito do túmulo, bem como de alguns artefatos deixados no local. Compreende-se que as imagens não são neutras, constituindo, antes, representações construídas por aquele que as produz (Burke, 2004). Contudo, por uma questão de recorte, os elementos analisados restringem-se à dimensão da materialidade registrada e não da fotografia propriamente dita. Ainda no tocante à dimensão imagética, as fotografias foram inseridas sempre que necessário para fins analíticos, afastando-se, portanto, de usos ilustrativos.

Do ponto de vista teórico, recorre-se aos conceitos de Michel de Certeau (1994), em especial às noções de estratégia e tática, para compreender como os devotos se apropriam do espaço funerário e o ressignificam. Por meio dessa apropriação, o cemitério deixa de ser apenas um local de sepultamento e passa a ser transformado em cenário de práticas específicas de religiosidade popular. Essa transformação revela a capacidade dos sujeitos de produzir sentidos outros para espaços institucionalmente definidos, atuando diante das normas estabelecidas. A tática, nesse contexto, manifesta-se nas ações cotidianas dos fiéis, que inserem novos usos e significados ao ambiente funerário. Assim, o túmulo passa a funcionar como ponto de contato entre o sagrado e o profano, entre a memória individual e a devoção coletiva. É nesse espaço reconfigurado que emergem formas plurais de expressão religiosa à margem da oficialidade.

1. Milagreiros de cemitério: lugares de fé no catolicismo não oficial.

Os ditos milagreiros de cemitério são santos oficiosos, àqueles cultuados de forma não oficial pela Igreja Católica, mas que são importantes para a fé e devoção de comunidades. Eles são santos que, embora não tenham sido oficialmente

canonizados pela Igreja, são considerados santos pelos seus fiéis e são objeto de devoção. Encontram morada nas necrópoles, as cidades dos mortos, os cemitérios. A esses “mortos especiais” (Brown, 1990), homens, mulheres e crianças, são atribuídos ocorrência de milagres do dia a dia, como curas de enfermidades, resolução de questões amorosas e conquistas na vida profissional (Sáez, 1996). Arrebanham devotos e fiéis locais nas moradas onde se constituem. Segundo Lourival Andrade Júnior (2021), tem por característica principia, a relação direta com o espaço em que atuam. Nesse sentido, se formam enquanto devoções locais. Não é comum um milagreiro enterrado em um cemitério do sertão nordestino operar milagres no sul do Brasil, por exemplo. Nas palavras do autor, “o túmulo é a prova do pertencimento”.

Dessa forma, os cemitérios municipais acabaram por acolher práticas devocionais remotas, pautadas em relações mágicas entre o mundo dos vivos e o além (Cymbalista, 2002). O sagrado se manifesta duplamente no fenômeno dos santos populares, haja vista que jazigo e falecido se tornam alvo de devoção “marginal” que, segundo Pereira (2005, p. 31), é um “tipo de devoção que não necessita da estrutura eclesial para existir, existe às margens das devoções oficiais, geralmente é praticada por pessoas da classe baixa, também marginalizadas de alguma maneira” (Melero, 2021, p. 4)

De acordo com Andrade (2013, p. 3), no contexto da religiosidade católica popular, os cemitérios funcionam como um santuário dedicado a esses santos não oficiais. Trata-se de espaços marcados pela liminaridade, nos quais o sagrado e o profano se entrelaçam. Nesse cenário, seus túmulos operam como mediadores entre o universo dos vivos e o dos mortos, e sua permanência no imaginário devocional está diretamente relacionada à disseminação de suas façanhas miraculosas pelos fiéis. Essa divulgação ocorre, sobretudo, por meio da oferta de ex-votos depositados em suas sepulturas, os quais simbolizam agradecimentos pelas graças ou milagres recebidos. Como ressalta Lourival Andrade Júnior (2021), “não há milagreiro sem devoto”, o que marca uma distinção em relação aos santos oficialmente reconhecidos pela Igreja Católica. Muitos dos chamados “santos doutores³”, por exemplo, foram canonizados não em função de feitos milagrosos ou da devoção popular que

³ Os doutores da Igreja são santos que, além do seu testemunho de vida, deixaram também uma contribuição no campo da teologia, a partir do seu saber, contribuindo com a doutrina da Igreja. Em geral, exige-se três critérios para se reconhecer um Doutor da Igreja: doutrina proeminente, elevado grau de santidade e a Proclamação da Igreja, sendo a última etapa, o reconhecimento que é dado pela própria Igreja.

inspiraram, mas devido à relevância de suas contribuições intelectuais para a teologia e liturgia católicas.

Moscovici (1990) apud Andrade (2013, p. 5), observa que os fiéis envolvidos nessas práticas acreditam que os santos participam ativamente de suas lutas cotidianas, intervindo em situações como doenças, crises familiares, desilusões amorosas, desemprego e dificuldades econômicas. A relação entre o devoto e o santo, portanto, se estabelece de modo direto, sem a mediação sacramental ou clerical, caracterizando-se como uma espécie de pacto simbólico em troca da concessão de uma graça. Para fundamentar sua devoção, os fiéis recorrem aos mais diversos recursos – simpatias, gestos ritualísticos, orações e práticas populares – mesmo que isso implique contornar normas e restrições impostas pela Igreja institucional. Em contrapartida à graça recebida, manifesta-se o reconhecimento e a gratidão, reforçando o vínculo entre o humano e o sagrado por meio da devoção popular.

As necessidades mais sentidas seriam aquelas ligadas a problemas de dinheiro e emprego, saúde, amor, afetividade e vida familiar, isto é, às suas necessidades imediatas e que determinam a sua vida cotidiana. São os dissabores da vida que o devoto pretende extirpar, fazendo com que sua vida adquira um significado tão sagrado que o aproxime cada vez mais do transcendente iluminado (Andrade, 2013, p. 5)

Observa-se entre os chamados milagreiros uma característica recorrente: muitos deles tiveram mortes marcadas por tragédias ou intenso sofrimento. Tais circunstâncias de morte os aproximam simbolicamente da noção de martírio cristão e, ao mesmo tempo, funcionam como uma forma de expiação dos pecados e desvios cometidos em vida. Por esse motivo, o panteão popular da América Latina inclui, ao lado de vítimas da violência, figuras como assassinos, ladrões, prostitutas e cangaceiros. Embora muitos desses personagens não tenham mantido vínculos com práticas religiosas durante a vida, a forma trágica de sua morte os elevou, aos olhos dos devotos, a uma condição de sacralidade. Nesse novo papel, passam a ser concebidos como intercessores capazes de buscar a remissão de suas próprias faltas por meio da ajuda prestada aos vivos que os invocam (Andrade Júnior, 2021).

O folclorista Félix Coluccio (1995), ao estabelecer categorias para pensar essas devoções denominadas ‘populares’, aponta, como possíveis santos, aqueles que tiveram morte violenta ou injusta e, nessa categoria, estariam os anjos, crianças que faleceram ainda na primeira infância (...) as vítimas inocentes, adolescentes e adultos espancados, estuprados e assassinados;



e, por fim, as pessoas de ‘vida errada’ – bandidos e prostitutas cujos devotos acreditam que tiveram oportunidade de arrepender-se e obter o perdão dos pecados *in extremis* (Andrade, 2015, p. 44)

Jararaca é um famoso milagreiro brasileiro que encontrou redenção após a morte. Temido cangaceiro, foi assassinado em 19 de junho de 1927. Foi morto por alguns policiais que o escoltavam até a cidade de Natal – RN onde seria preso, mas estes, nas palavras de (Peixoto, 2018, p. 95), “talvez pensassem que o mundo deveria ter um criminoso a menos, e assassinaram aquele que, segundo relatos de jornais da época, era um bandido muito perigoso”. Traz a autora que a narrativa popular em Mossoró sustenta que o cangaceiro Jararaca foi sepultado vivo, fato que gerou comoção coletiva e levou à crença em seu arrependimento, culminando na remissão simbólica de seus pecados. O túmulo de Jararaca, no cemitério São Sebastião, tornou-se local de peregrinação, recebendo velas, flores e pedidos de graça, o que levou à sua transformação simbólica em milagreiro de cemitério.

Por outro lado, outra famosa milagreira, a Cigana Sebinca, teve sua finitude causada por derrame cerebral, hipertensão arterial e arteriosclerose. Todavia, a narrativa popular de Lages-SC, inventou versões trágicas – assassinato, estupro, carbonizada ou defesa da filha – para intensificar o mistério e a reverência em torno de sua figura. Seu túmulo, no Cemitério Cruz das Almas, tornou-se um dos mais visitados da cidade, marcado pelas oferendas: velas, chapas de bebida, flores, baralhos e os típicos bilhetes escritos com batom vermelho – pedidos e agradecimentos – demonstrando modos próprios de devocão.

Várias histórias. Vários imaginários (...) entrevistei seu filho, Paulo Franklin, que afirma categoricamente que Sebinca era hipertensa, fumava muito e devido sua idade, seu corpo foi se debilitando até sua morte. “Não tem nada de estupro. A cigana morreu de velha. Eu e meu pai cuidamos de tudo, até da roupa. Pegamos no hospital, embalsamamos, arrumamos no caixão e levamos para o acampamento. Foram três dias de festa. Depois ela foi levada para o cemitério Cruz das Almas e está lá até hoje fazendo milagres. Confio muito nela, já fiz pedido e ela me atendeu (Andrade Júnior, 2018, p. 4).

Antônio Marcelino, conhecido como Menino da Tábua, foge ao imaginário violento de redenção e, adquire seu *status* ainda em vida, em circunstâncias de sofrimento, pobreza e abnegação, quase de mártir. O milagreiro nasceu em Cândido Mota-SP e viveu parte de sua infância em localidades rurais próximas, como Água do Matão e Água da Fortuna. Filho de lavradores e membro de uma família numerosa e pobre, desde o nascimento apresentava uma condição física peculiar: permanecia

imóvel sobre uma tábua, nu, recusando qualquer vestimenta, alimentando-se apenas de água, leite ou rescaldo de marmelada. Essa condição incomum contribuiu para sua sacralização popular. Considerado um anjo por muitos, passou a ser procurado por pessoas em busca de bênçãos e sinais. A crença local afirmava que seu sorriso era prenúncio de boa sorte, enquanto seu choro indicava desgraça. Com o tempo, sua fama como figura milagrosa cresceu, sustentando sua família por meio de doações.

Após sua morte em 1945, seu túmulo no cemitério de Maracaí-SP se tornou um local de romaria e devoção, onde os fiéis depositam oferendas, principalmente água e leite. Atualmente, uma capela foi erguida no local, consolidando seu culto como uma expressão viva da religiosidade popular. Solange Ramos Andrade (2013, p. 9), elenca algumas prováveis causas para a santidade do Menino da Tábua: sua condição física desde o nascimento, vivendo deitado e imobilizado sobre uma tábua; sua alimentação extremamente simples; e a representação de seu corpo como o de um anjo, dada sua fragilidade e pureza.

(...) em primeiro lugar, o fato de viver deitado em uma tábua, desde que nasceu, “quieto, encolhido e nu”; em segundo lugar, a alimentação frugal, composta de “água, leite ou rescaldo de marmelada” e, em terceiro lugar, a alusão ao seu estado de saúde/físico conferindo-lhe a condição de “anjo”. Todos os atos realizados por Antônio Marcelino passaram a ser revestidos de sacralidade. Gestos como sorrir, chorar ou ficar bravo, denotavam sabedoria e, principalmente, que ele possuía poderes sobrenaturais, uma vez que conseguia enxergar, na aparência das pessoas, o que poderia dar certo ou errado em suas vidas. O fato de pertencer a uma família muito pobre o fazia mais santo, já que seus familiares conseguiam viver graças às doações que recebiam por sua causa. Outro aspecto muito significativo na narrativa é o crescimento de oferendas após a morte de Antônio Marcelino. A morte veio reafirmar sua santidade, pois é a partir dela que o Menino da Tábua vai ajudar ainda mais as pessoas que procuram suas graças. Ele vai interceder junto a Deus para essas pessoas.

Diante disso, Solange Ramos Andrade busca na literatura novas condições que deem conta de amparar a sacralidade de Antonio Marcelino. Com isso, a autora utiliza mostra que a história do Menino da Tábua segue padrões míticos: não importa se a história é literalmente verdadeira, mas sim que ela revela um destino trágico e aproxima-se de um modelo arquétípico de santidade e sacralidade. Embora não tenha morrido por sua fé, sua condição de sofrimento contínuo é assimilada pela comunidade como um tipo de martírio. Após a morte, sua figura passa a ser considerada ainda mais poderosa como intercessor junto a Deus, o que fortalece o culto. A autora também dialoga com Jung e Vauchez para mostrar que a imagem da

criança como símbolo religioso une fragilidade e transcendência. Marcelino, por viver e morrer com aparência infantil, assume esse arquétipo: indefeso, mas dotado de poder sobrenatural. Sua condição física e social (pobreza, vulnerabilidade) reforça essa percepção.

Assim como o Menino da Tábua, existem milagreiros que se popularizam a partir de fenômenos. A japonesa Kiku Hase foi considerada milagreira de cemitério, segundo o artigo de Richard Gonçalves André, a partir do surgimento de água que jorraria misteriosamente de seu túmulo em Assaí-PR. Os devotos passaram a acreditar que essa água teria poderes curativos, sendo usada em doenças e ferimentos. Semelhante ocorreu com Noêmia, conhecida como "a menina do túmulo que verte água", sepultada no Cemitério de Santo Amaro, em São Paulo. Sua história fascina devotos e curiosos desde o século passado. Segundo registros, Noêmia Jessnitzer faleceu ainda bebê, em 1899, e desde então seu túmulo passou a emanar água inexplicavelmente, levando muitos visitantes a interpretarem o fenômeno como um milagre. Por outro lado, outra milagreira, Maria Izildinha, mais conhecida como a Menina Izildinha, o Anjo do Senhor, falecida em Portugal, que anos após a morte teve o corpo transladado para o Brasil, obteve reconhecimento pelo estado de seu corpo após a exumação anos depois de sua morte: o corpo de Izildinha não apresentava sinais de decomposição, permanecendo intacto — algo que os fiéis interpretaram como sinal de santidade.

2. José Osvaldo Schietti: morte, narrativas e a construção simbólica da santidade no espaço cemiterial.

Na contramão de obras que se dediquem a falar de vida, aqui abordaremos precisamente a morte. Em verdade, não se foi possível localizar informações que deem conta de biografar José Osvaldo Schietti. Constrói-se aqui, a partir de notícias publicadas em jornais, o que, porventura, seriam os momentos finais do milagreiro e o processo da constituição enquanto um santo de cemitério. A começar, partindo de uma entrevista realizada com familiares de José Osvaldo, pela Folha de Londrina⁴, no ano de 2000, o milagreiro, filho do empresário, José Schietti, faleceu em um acidente de trânsito no ano de 1950, aos oito anos e meio de idade. José Osvaldo viajava junto

⁴ Jornal de impressão diária que foi fundado na cidade de Londrina em 1948, por João Milanez.

aos pais, uma irmã de colo e mais três famílias, que ocupavam dois veículos e seguiam para Mandaguari – PR, onde iriam visitar amigos. Narra o jornal que com a poeira na estrada, um dos carros acabou batendo na traseira do outro e capotou. Com o impacto, José Osvaldo foi arremessado para fora e bateu a cabeça, sofrendo uma fratura craniana. Faleceu a caminho do hospital, no colo do pai. As informações descritas são bem próximas do que se têm em uma outra fonte. O jornal “Diário da Tarde”, no dia vinte e sete de maio de 1950, publicou a seguinte reportagem: “Quatorze feridos e um morto no acidente da estrada Apucarana – Mandaguari”. Trata-se justamente do episódio que vitimou José Osvaldo.

Quatorze feridos e um morto no acidente da estrada Apucarana – Mandaguari

Domingo mais uma vez a fatalidade fôr a causadora de um grave desastre na estrada de rodagem que liga Apucarana a Mandaguari. 14 pessoas foram feridas com relativa gravidade em consequência do acontecimento, tendo um menino perdido tragicamente sua vida.

OS VEÍCULOS SINISTRADOS

Aproximadamente às 16 horas dirigiram-se de Apucarana para Mandaguari a caminhonete de propriedade do sr. Aurélio Rodrigues de Martins residente em Apucarana e a perua de propriedade do sr. Carlos Franchello, residente nesta cidade, quando por motivos ainda a serem esclarecidos a perua abalroou a caminhonete, ambos tombando um para cada lado.

CENAS HORRIPILANTES

Como os dois veículos estavam ocupados por criança e senhoras na maioria, imediatamente encheu-se o ar dos gritos lancinantes dos escombros dos veículos. Pararam os automóveis que transitavam por aquela estrada, prestando num magnífico exemplo de solidariedade os primeiros socorros aos feridos que foram retirados com todo o cuidado.

A EXTENSÃO DO DESASTRE

imediatamente verificaram que uma exceção de um dos passageiros, todos que viajavam em ambos os carros, estavam feridos, tendo sofrido fraturas relativas. Foi também constatada a morte de um dos passageiros, um menor.

A VÍTIMA

A vítima, que em tão trágicas circunstâncias perdeu sua vida é o menino José Osvaldo Schietti, de 8 anos, filho do sr. José Schietti e de Rosa Escopetta Schietti. Sendo amplas as relações de amizade de que se gosa o pai da vítima, sr. José Schietti, sócio da Farmácia Maria Isabel, logo que o acontecimento tornou-se público, a consternação era geral na cidade.

Diferente do exposto aqui, a história de José Osvaldo circulou na comunidade londrinense de variadas formas, diversas da qual optamos por assumir nesta pesquisa como a “oficial”. Em breve busca pelo nome do milagreiro em sites de pesquisa, é possível ter acesso a portais e blogs de histórias paranormais, sobrenaturais ou do universo cemiterial, que tratem da história de José Osvaldo. O blog “Medo Sensitivo”, por exemplo, ventila a história do milagreiro. Nele, apresenta-se a seguinte versão: “José Osvaldo Schietti foi um menino que morreu em 1950 atropelado em frente a

antiga igreja matriz logo após sua primeira comunhão". Outra possível causa *mortis* é dada no mesmo texto: "no dia da sua 1^a comunhão, o menino caiu de um caminhão e morreu. No livro de inumações consta fratura na têmpora, como causa da morte".

Essas histórias são produzidas e reproduzidas na oralidade da comunidade e se apresentam nesse processo de constituição da identidade do santo milagreiro. Todavia, novamente a partir do que fora publicado por jornais, nesse caso em específico, a Folha de Londrina, tal fenômeno foi algo que por muito incomodou a família, sendo necessário em 2000, familiares de José Osvaldo, se manifestarem em entrevista, narrando o que seria a "a verdadeira história". Assim publicou o jornal em três de novembro de 2000: "familiares do garoto José Osvaldo Schietti, que está enterrado no Cemitério São Pedro (no centro de Londrina) e é considerado milagreiro, procuraram a Folha ontem para contar a sua verdadeira história (...)" . O texto da reportagem segue então, com a versão apresentada por José Luiz e Tiago Schietti, respectivamente tio e sobrinho de José Osvaldo, narrando o acidente já apresentado no trabalho. A razão do pronunciamento seria que "todos os anos, no Dia de Finados, são divulgadas histórias distorcidas sobre a morte do parente". Neste em específico, uma das histórias veiculadas dizia ainda que José Osvaldo foi atropelado pelo próprio pai, o empresário José Schietti.

A versão mais conhecida é que ele teria morrido aos nove anos, atropelado em frente à Catedral no dia em faria a primeira comunhão. Este ano, uma das histórias veiculadas dizia ainda que José Osvaldo foi atropelado pelo próprio pai, o empresário José Schietti, atualmente com 81 anos. "Isto deixou meu avô muito triste, por isso resolvemos esclarecer o que aconteceu", disse Tiago. Segundo ele, o tio morreu aos oito anos e meio, uma semana antes da data marcada para a sua primeira comunhão. José Osvaldo viajava junto com os pais, uma irmã de colo e mais três famílias, que ocupavam dois veículos e seguiam para Mandaguari (33 quilômetros a leste de Maringá), onde iriam visitar amigos. Com a poeira da estrada, um dos carros acabou batendo na traseira do outro e capotou. O pai do garoto não estava na direção de nenhum dos veículos. Com o impacto, José Osvaldo foi arremessado para fora e bateu a cabeça, sofrendo fratura craniana.

Chama a atenção, a construção dessas narrativas. Semelhante ocorreu com cigana Sebinca, que teve sua morte recontada de maneira dramática. Nas palavras de Lourival Andrade Júnior (2018, p. 5), "parece que o povo necessita de uma morte trágica para referendar o poder milagroso de Sebinca". No que diz respeito a José Osvaldo, chama a atenção um dado que causa grande sensibilidade: sua morte ter supostamente ocorrido no dia de sua primeira comunhão. Assim como reproduzido

pelos blogs mencionados, o Jornal Última Hora, em reportagem publicada em dezessete de novembro de 1962 traz que “[...] o menino José Osvaldo Schietti, morto em um acidente de automóvel, no dia em que completava 9 anos, logo após ter feito sua primeira comunhão”.

Como pode-se perceber, esse é um aspecto muito repercutido. No túmulo é possível observar, ainda hoje, uma placa gravada, logo abaixo da foto do milagreiro, com os seguintes dizeres: “José Osvaldo Schietti. Faleceu no dia de sua 1ª comunhão. 22/05/1950”. Não é possível identificar quem a encomendou e adicionou à sepultura. Todavia, segundo Tiago Schietti, sobrinho de Osvaldo, em entrevista à Folha de Londrina no ano de 2000, “o tio morreu aos oito anos e meio, uma semana antes da data marcada para sua primeira comunhão”. Para Solange Ramos de Andrade,

As narrativas dos devotos produzem variedades que, em momento algum, prejudicam a devoção; muito pelo contrário: os desencontros das narrativas mostram a vitalidade da permanência do santo no imaginário das pessoas que visitam seus túmulos. Oscar Calavia Sáez, em seu estudo acerca de mitos e mortos no campo religioso brasileiro, afirma que “[...] é no relato – rico em equívocos – que o santo respira e se cria” (Sáez, 1996, p. 18) (Andrade, 2015, p. 43)

Enfrentado o duro falecimento de José Osvaldo, resta agora compreender o seu processo de reconhecimento enquanto um milagreiro de cemitério. Nesse momento da pesquisa, ainda não é possível precisar seguramente quanto tempo após seu falecimento o grande fenômeno passou a ocorrer, mas o episódio que comove a comunidade londrinense e o torna um grande personagem cemiterial, se explica da seguinte maneira: “desde aquele dia, o túmulo, construído em granito e mármore, verte, em diversos locais, pequenos filetes de água, que parecem brotar da própria laje” (Última Hora, 1962). O jornal Última Hora⁵, em reportagem publicada em treze de novembro de 1962, intitulada “Londrina: crentes recolhem água milagrosa do ‘túmulo que chora’”, traz que, “diariamente, elevado número de pessoas, céticos e crentes, ou simplesmente curiosos, reúne-se em frente à tumba n.º 222, quadra 26, do Cemitério Municipal de Londrina, atraído pelo fenômeno do ‘túmulo que chora’”.

⁵ Foi um jornal brasileiro fundado pelo jornalista Samuel Wainer, em 12 de junho de 1951 no Rio de Janeiro. Chegou a ter uma edição em São Paulo, além de uma edição nacional que era complementada localmente em Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Niterói, Curitiba, Campinas, Santos, Bauru e no ABC Paulista. A edição aqui utilizada foi publicada em Curitiba-Pr.

Ainda que cada um as suas particularidades, o evento não é isolado. No cemitério municipal de Santa Leopoldina, no Espírito Santo, há um túmulo que atrai diversos turistas, fiéis e curiosos todos os anos. De acordo com a Gazeta Online, o túmulo que pertence a Maria Gilda, em óbito ainda bebê, há cento e dois anos, vete água. Conforme relatos de visitantes e funcionários, constantemente a sepultura enche de água, motivo que leva algumas pessoas a acreditarem que a água seja milagrosa. Em entrevista à Gazeta Online, o guia turístico Jefferson Rodrigues revelou que o túmulo de Maria Gilda atrai inúmeros visitantes todos os anos. Eles acreditam que a água que sai de dentro da sepultura seja milagrosa. Semelhante ao que ocorre com José Osvaldo em Londrina, ou então o túmulo de Fátima Aparecida Vieira (a “Fatinha”) em Campo Grande, MS; ou o túmulo do benzedor Pedro Manoel dos Santos, em Sarapuí, SP; ou nas proximidades mesmo de Londrina, o túmulo de Hase, no Cemitério de Assaí, PR.

Todos os mencionados adquiriram repercussão e seus falecidos foram alçados aos postos de milagreiros de cemitério. José Osvaldo, falecido no ano de 1950, ganha seus contornos nos anos que seguem, neste momento, sem ainda serem precisamente definidos. Todavia, a reportagem do jornal *Última Hora*, de 1962, dá conta de que esse processo se iniciara logo mesmo após a sua morte. Nesse sentido, no momento da publicação da matéria, o evento já seria então consolidado, sendo apresentado pelo jornal, até mesmo testemunhos de milagres, a partir da água milagrosa.

No que se intitula como “o início”, traz o texto publicado pelo jornal que “logo depois de construído o túmulo, os funcionários encarregados do serviço da limpeza do cemitério, notaram os filetes de água que, por mais esforços que fizessem, não conseguiam secar”. Mesmo com a insistência em tentar conter os vazamentos, o túmulo insistia em chorar. O fato, propagou-se rapidamente pela cidade. Vieram os curiosos e com o tempo as romarias. Finalmente, surgiram os primeiros milagres. Conforme o jornal, preocupado com o número de pessoas que visitava o túmulo do filho e que já o começavam a chamá-lo de santo e milagreiro, o pai do menino, mandou averiguar a sepultura. Nada foi constatado. O túmulo foi aberto e “novamente fechado e inteiramente calafetado com cimento, cal e piche numa argamassa sólida e hermética. Entretanto, a água continuou brotando. E o número de crentes aumentou”.

Durante uma visita ao túmulo, a reportagem do jornal *Última Hora* presenciou diversas pessoas recolhendo, com conta-gotas, a água considerada milagrosa. Uma

dessas pessoas, Ana Queirós, moradora de Londrina, relatou que seu filho havia recebido uma graça após o uso da água. Segundo ela, desde então passou a visitar o cemitério regularmente para levar a água para casa. Seu filho, Luis Antonio Queirós, de 14 anos, sofria de uma grave inflamação nasal e já havia sido desenganado pelos médicos. No entanto, após algumas lavagens com a água retirada do túmulo, ele se recuperou completamente.

Visitando o ‘túmulo que chora’, a reportagem de ÚLTIMA HORA observou diversas pessoas que, piedosamente, recolhiam, com o auxílio de contigotas, a água milagrosa. Uma delas, dona Ana Queirós (Rua Mato Grosso, 547), explicou ao repórter: ‘Meu filho obteve uma graça. Desde então, tenho visitado periodicamente o cemitério e levado a água para casa. Tem ajudado muito’. E contou que o filho, Luis Antonio Queirós, com 14 anos de idade, sofria de uma grave inflamação no nariz. ‘Já fora, mesmo, desenganado pelos médicos’, disse ela. ‘Mas, com umas poucas lavagens que lhe fiz na parte afetada, utilizando a água do túmulo de Osvaldinho, ele sarou’

Segue o jornal trazendo que vários pedreiros que trabalhavam no cemitério confirmaram os relatos de dona Ana, afirmindo que também testemunharam curas ocorrendo diante do túmulo. Um deles contou que, certa vez, um homem mais velho se aproximou, ajoelhou-se e rezou por cerca de meia hora. Em seguida, arregançou a calça, revelando uma grande ferida na perna. Ele então pegou um pouco da água do túmulo e passou na região machucada. Segundo o relato, em apenas alguns minutos a ferida desapareceu completamente.

José Teixeira, um destes pedreiros, relatou à reportagem um caso que presenciou envolvendo um fazendeiro e o túmulo do menino. O homem enfrentava uma epidemia que estava matando suas galinhas e, desesperado, fez uma promessa ao “pequeno Osvaldo”: se a mortandade cessasse, compraria uma vela com o valor obtido da venda de cada galinha que sobrevivesse e a acenderia no túmulo. Cerca de dois meses depois, o fazendeiro retornou ao cemitério carregando tantas velas que mal conseguia sustentá-las. Segundo o trabalhador, foi preciso apagar a maioria das velas, pois havia risco de incêndio nos túmulos vizinhos. Ressalta o jornal que a Igreja, por sua vez, não havia se pronunciado oficialmente sobre o fenômeno.

O mesmo jornal, em dezessete de novembro de 1962, publica novamente sobre o milagreiro. A manchete “‘Deixem meu filho em paz’: pai de Osvaldo não crê nos milagres do túmulo que chora”, denuncia não somente o crescente movimento na sepultura, mas também a contrariedade da família com o fenômeno. Procurado pela

reportagem, o pai, José Schietti, recusou-se a princípio a manifestar-se sobre o assunto. Terminou por dizer que não acredita nos casos de cura obtidos com a aplicação da água que nasce do túmulo do filho e pediu “desejaria que esse boato terminasse. Meu filho era um menino como qualquer outro, de sua idade. Morreu num acidente comum e gostaria que sua memória fosse deixada em paz”. Um dos empregados da administração do cemitério, o pedreiro Anival Carlos Costa, em entrevista, revelou também não acreditar nos milagres.

Trabalho no cemitério há vários anos e nunca vi um milagre acontecer, no túmulo de José Osvaldo Schietti, afirmou. E continuou. “Quanto a esse ‘fenômeno’ da água que corre da sepultura, a explicação é simples. Trata-se da água da chuva, que se infiltra no mármore e depois escorre pelas paredes da sepultura. Há vários túmulos aqui, nas mesmas condições. O fato não tem nada de sobrenatural.”

Embora haja essa incredulidade em torno das notícias de curas obtidas com a água milagrosa, o número daqueles que acreditavam no poder medicinal do líquido que brotava do túmulo aumentava. Narra o Jornal Última Hora que, diariamente, o cemitério era visitado por pessoas residentes de Londrina e adjacências e que, já começavam a surgir, inclusive, nas imediações do cemitério, carrinhos de comerciantes de doces e refrescos, algo que costuma acontecer em casos semelhantes.

Solange Ramos de Andrade (2015, p. 57), em seu trabalho sobre o “Menino da Tábua”, Maracaí-SP, menciona o “pequeno comércio de vela em frente ao portão principal do cemitério e, com o passar do tempo, foram construídas várias lojas para atender a demanda dos romeiros”. Nesse sentido, essa é uma prática invariavelmente comum, sobretudo em casos de repercussão. O próprio jornal dá conta desses pequenos comércios que começavam a surgir aos arredores da necrópole.

3. Objetos da fé: materialidade e devoção.

Para José Carlos Pereira (2005, p. 74), “a devoção marginal sobrevive de oferendas, votos e ex-votos, como as devoções oficiais”. Nesse sentido, a consagração de José Osvaldo como figura miraculosa consolidou-se ao longo do tempo e continua a manifestar efeitos no presente. Sua sepultura é regularmente visitada durante toda a semana, evidência constatada por meio da observação

sistemática de objetos deixados sobre o túmulo — aqui compreendidos como expressões de devoção. Esses elementos foram registrados fotográfica e catalograficamente, com anotações de datas e horários. Cabe destacar que o volume real desses artefatos pode ser ainda mais significativo, uma vez que parte deles é frequentemente removida pela administração do cemitério ou por terceiros.

Entre os objetos mais recorrentes encontram-se cartas manuscritas, alimentos como bolos e frutas, brinquedos (por exemplo, carrinhos e ursos de pelúcia), além de fitas e copos com água. José Carlos Pereira (2004, p. 37), ao investigar a presença das religiões afro-brasileiras no catolicismo popular, mobilizando o conceito de trocas simbólicas de Pierre Bourdieu, interpreta esse tipo de oferenda como parte de uma dinâmica relacional entre o devoto e a entidade sagrada – relação que pode envolver a fusão de elementos do catolicismo tradicional com práticas de origem africana.

A religiosidade popular brasileira é marcada por rituais que misturam elementos de diversas religiões, mas como vimos, predomina-se elementos das religiões afro com o catolicismo ibérico (...) Um dos rituais que mais se assemelha e deixa evidenciar as características sincréticas do catolicismo popular é o ritual de oferendas (...) Há inúmeras espécies de oferendas, desde comida, objetos, dinheiro (...) encontram-se na sala dos milagres, ao lado de vasos brancos de porcelana e de barro utilizados nos cultos afro-brasileiros, colares coloridos e outros símbolos do sincretismo religioso (Pereira, 2004, p. 37 – 38)

No estudo conduzido por Solange Ramos de Andrade (2015, p. 59) acerca do caso do “Menino da Tábua”, destaca-se a recorrência da água, apresentada tanto em copos quanto em garrafas, como elemento significativo nas práticas devocionais. A autora observa que essas garrafas são destinadas ao consumo pelos romeiros, sendo concebidas como um tipo de remédio espiritual capaz de aliviar os sofrimentos. A presença da água, no entanto, carrega um simbolismo que transcende o aspecto funcional, estando profundamente enraizada nas expressões religiosas.

Como assinala Mircea Eliade (1995, p. 148), a água mantém consistentemente seu papel simbólico: ela dissolve, purifica, apaga as faltas – sendo, ao mesmo tempo, agente de purificação e regeneração. Nesse contexto, José Carlos Pereira (2005, p. 74) comprehende que a religiosidade periférica é sustentada pela ação dos fiéis, os quais, por meio de diversos rituais, contribuem para a preservação da sacralidade do espaço e da fé nele cultivada. Esses rituais, por sua vez, são moldados por fatores locais, tradições específicas e a cultura das comunidades envolvidas.

Figura 1: Túmulo José Osvaldo, Dia de Finados, 2024.



Fonte: O autor (2024)

A foto acima foi tirada às quinze horas, do dia dois de novembro de dois mil e vinte e quatro, Dia de Finados, no Cemitério Municipal São Pedro. Ela captura ainda algumas velas acesas, além de muitas outras que já haviam derretido. Também é possível perceber aproximadamente vinte vasos de flores, além de garrafas de água deixadas intencionalmente sobre o túmulo. Durante a observação, fiéis chegaram, realizaram orações em silêncio, contemplaram o jazigo e, em seguida, partiram. Havia ainda alguns curiosos. Esse é um dia de grande trânsito na sepultura do milagreiro. Andrade (2015, p. 45) atribui, além da própria devoção dos que já conhecem seus milagreiros e possuem por hábito visitá-los em datas como essa, o papel dos jornais locais, que são um “meio de preservação da memória local”, de maneira que, “todo ano, às vésperas do dia do santo ou do Dia de Finados, surgem reportagens sobre os túmulos mais visitados do cemitério e as histórias dos santos são recontadas”.

Fato é que José Osvaldo continua a atrair devotos e, nessa data em especial, seu túmulo se destaca como o mais visitado do cemitério. É o que narra reportagens como a do portal Bonde, importante veículo local, com reportagem intitulada “Mesmo com chuva e frio, milhares visitam cemitérios de Londrina no Dia de Finados”. Ainda traz a o portal:

Conhecido como “o menino do milagre”, muitas pessoas passam pelo túmulo, pedem graças, depositam flores e acendem velas. “Dizem que ele é milagreiro, mas nunca pedi nada. Venho aqui para rezar pela alma dele e para ver as homenagens que deixam. Para mim, é uma atração”, disse Terezinha de Jesus Sanches de Oliveira (Bonde, 2022).

Figura 2: Túmulo José Osvaldo, objetos devocionais, 05 de março de 2025.



Fonte: O autor (2025)

Nessa foto, registrada em 05 de março de 2025 é possível verificar algumas práticas devocionais. São mais tímidas do que as do Dia de Finados, mas são recorrentes. A imagem acima é apenas um exemplo. A começar, é possível notar a presença de ex-votos pregados ao túmulo. Precisamente duas placas de agradecimentos. Nas palavras de Solange Ramos de Andrade (2015, p. 84) “o ex-voto

é um objeto oferecido ao santo como resultado de uma promessa e de um favor recebido cuja doação havia sido prometida anteriormente". Uma das funções do ex-voto é a divulgação dos poderes do santo, dando conhecimento da graça recebida. No caso de José Osvaldo é possível notar as placas "Agradecido" e "Pelas minhas graças Alcançadas M.F.". Dois exemplos de seus milagres.

Para além disso, abaixo do vaso é possível perceber uma carta. É frequente a presença de bilhetes, cartas e pedidos endereçados à José Osvaldo. Não existe uma especialidade. Podem ser pedidos que vão desde a aposentadoria e saúde, como histórias mais particulares, como a que transcrevo a seguir "José Osvaldo, urgente. Peço a graça de nunca ninguém descobrir quem enviou aquela carta. E que todos os envolvidos desistam de procurar quem enviou. E que fique comprovado maus tratos em relação a criança". Bilhete encontrado e documentado no dia 16 de dezembro de 2024. Outros exemplos são pedidos de graças sobre finanças, emprego ou apenas nomes, escritos em papel, dobrados e depositados no túmulo.

Também é possível notar um urso de pelúcia, o que parece representar um tigre, semelhante aos da linha "Beanie Boos" da marca Ty, especialmente por conta dos olhos grandes e brilhantes. No entanto, não foi possível identificar etiqueta e, nesse momento, torna-se dispensável. Fato é, que chama atenção a presença do objeto na sepultura. No entanto, no que diz respeito a crianças milagreiras, a presença de brinquedos, doces, bonecos, pelúcias, é uma prática comum. Os anjinhos, como são chamados, são puros, "capazes de intermediar a relação entre o devoto que sofre e a Ihe pede a interrupção do sofrimento, e a divindade, da qual está próxima" (Andrade, 2015, p. 43). "Paulinho Milagreiro", por exemplo, falecido aos sete anos em 1972, Niterói, RJ, é um dos anjinhos que recebe visitações e brinquedos de seus fiéis. Conforme narra o jornal "Extra", uma mulher estava com um neto doente e tinha ido ao cemitério para orar no cruzeiro, "no meio do caminho, a sepultura de Paulinho lhe chamou atenção e ela rezou. Quando o neto ficou bom, a mulher levou brinquedos para Paulinho".

A diarista Terezinha Rodrigues, de 60 anos garante ter recebido uma graça de Paulinho. - Há sete anos, peguei um dos carrinhos que ficam na lápide dele e pedi um emprego para o meu filho. Fui logo atendida e trouxe alguns brinquedos para colocar no lugar - conta ela, que assim como outros tantos agraciados, visitaram o túmulo do menino no fim de semana.

No que diz respeito as fitas, também presentes na fotografia, essas podem ser interpretadas à luz do sincretismo e forte presença da influências das religiões de matriz africana no catolicismo popular. Nas palavras de José Carlos Pereira (2004, p. 20), “o catolicismo popular brasileiro acomodou nas suas devoções aos santos, os orixás das religiões afro”. Temos assim, uma das características fundamentais da religiosidade popular brasileira: o paralelismo sincrético. Dessa forma, a religiosidade popular brasileira é marcada por rituais que misturam elementos de diversas religiões, sobretudo das de matriz afro com o catolicismo ibérico. Para o autor (2004, p. 38) “nos santuários católicos, é comum encontrar elementos de culto a divindades africanas”. A fita branca, presente na foto, por exemplo, pode representar Oxalá, a paz e a fé, enquanto a fita vermelha, conecta-se com Ogum e com a força. É comum serem amarradas como forma de pedida, proteção ou agradecimento.

Por fim, as formas de interação devocional com os milagreiros têm se diversificado ao longo do tempo, incorporando elementos contemporâneos sem romper com tradições consolidadas. Práticas como rezar, acender velas ou frequentar o túmulo permanecem recorrentes entre os fiéis, evidenciando a convivência entre ritos instituídos pela religião oficial e expressões de religiosidade popular vinculadas a figuras consideradas marginais.

Nesse sentido, a experiência devocional em torno de José Osvaldo exemplifica o que Michel de Certeau (1994) define como a capacidade dos sujeitos ordinários de reinventar os espaços que ocupam. Mais do que simples ocupantes, esses indivíduos ressignificam os lugares através de gestos cotidianos. Nesse contexto, o catolicismo popular – marcado por práticas sincréticas – opera de forma tática, apropriando-se de locais como o túmulo, enquanto um espaço de sepultamento, e convertendo-o em território de prática religiosa. Trata-se de um deslocamento da religiosidade institucionalizada, que encontra, nesses “espaços vividos”, possibilidades de reinvenção à margem das normas oficiais.

Considerações finais.

A dinâmica devocional que se desenvolve em torno do túmulo de José Osvaldo revela com clareza como práticas religiosas informais são capazes de constituir espaços sagrados à margem das diretrizes institucionais da Igreja. Essa forma de religiosidade popular, marcada por gestos espontâneos e experiências

compartilhadas, não se submete às normas clericais, mas organiza-se a partir de significados construídos pelos próprios fiéis no cotidiano (Pereira, 2005). Nesse contexto, a sepultura de Osvaldo assume a função de um espaço ritualizado, não por força de reconhecimento institucional, mas pelo acúmulo de ações devocionais que nela se realizam — um altar improvisado e vivo, atravessado por múltiplas expressões de fé.

A frequência com que são depositados ex-votos, flores, alimentos, garrafas de água e outros objetos demonstra não apenas a persistência da crença em sua intervenção milagrosa, mas também a consolidação de um laço entre o “santo popular” e sua comunidade de devotos, que é heterogênea em termos sociais e culturais. Esses gestos configuram um sistema simbólico próprio, em que a fé se manifesta por meio de rituais personalizados e afetivos.

Ao investigar essas manifestações, torna-se possível compreender de que modo práticas religiosas periféricas atuam na construção de identidades coletivas e de mitologias locais. Sob a ótica das táticas cotidianas descritas por Michel de Certeau (1994), é possível afirmar que os devotos subvertem a função reconhecida pelo espaço de sepultamento e o converte em território de expressão religiosa. A sacralização, nesse caso, não depende da chancela institucional, mas da ação reiterada de sujeitos comuns, que, por meio de seus rituais e oferendas, produzem um espaço consagrado no imaginário coletivo. Essa apropriação, simultaneamente simbólica e prática, transforma o espaço físico em campo de produção ativa de sentido religioso, onde o sagrado se forja a partir do cotidiano e das crenças daqueles que ali depositam sua fé.

Fontes documentais.

DIÁRIO DA TARDE. Quatorze feridos e um morto no acidente da estrada Apucarana – Mandaguari. **Diário da Tarde**, Curitiba, 27 maio 1950. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?>

FOLHA DE LONDRINA. Família conta a história de José Osvaldo. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 nov. 2000. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/familia-conta-a-historia-de-jose-osvaldo-308117.html>

FOLHA DE LONDRINA. Fé leva londrinenses a menino que faz milagres. **Folha de Londrina**, Londrina, 3 nov. 1998. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/fe-leva-londrinenses-a-menino-que-faz-milagres-105927.html?d=1>.

ÚLTIMA HORA. Londrina: crentes recolhem água milagrosa do ‘túmulo que chora’. **Última Hora**, São Paulo, 13 nov. 1962. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=830348&pesq=jos%C3%A9%20osvaldo%20SCHIETTI&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br>.

ÚLTIMA HORA. ‘Deixem meu filho em paz’: pai de Osvaldo não crê nos milagres do túmulo que chora. **Última Hora**, São Paulo, 17 nov. 1962. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=830348&pesq=jos%C3%A9%20osvaldo%20SCHIETTI&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br>.

Referências bibliográficas.

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e seus santos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. Anais. Natal: ANPUH, 2013.

ANDRADE, Solange Ramos de. **Santo de cemitério**: a devoção ao Menino da Tábua (1978-1994). Maringá: EDUEM, 2015.

ANDRADE JUNIOR, Lourival. Cigana Sebinca Christo: milagreira de cemitério. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 5, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/3587>.

ANDRADE JUNIOR, Lourival. **Da barraca ao túmulo**: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. 284 p. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/17236>>

ANDRÉ, Richard Gonçalves. Uma santa budista de cemitério: a construção da devoção a uma imigrante japonesa (Assaí, 1976-2022). **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 415-444, dez. 2023. DOI: 10.1590/0100-85872023v43n3cap13.

BROWN, P. **Corpo e Sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: História e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

EXTRA. O menino milagreiro de Niterói. **Extra online**, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/o-menino-milagreiro-de-niteroi-603232.html>.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-15, 1996. Disponível em:
http://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf.

MEDO SENSITIVO. “O menino milagreiro de Londrina.” **Medo Sensitivo**, hi7.co, s.d. Disponível em: <https://medo.hi7.co/o-menino-milagreiro-de-londrina-5706f2e91667e.html>.

MELERO, Taís Cristina. Morte, cemitérios e devoção: uma análise material do fenômeno dos santos populares em Bauru e Jaú (São Paulo – Brasil) a partir de imagens. **Revista de História da UEG**, [S.I.], v. 1, p. 1-18, ago. 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/11618>.

PEIXOTO, Sara Louise Aquino Almeida. Sobre a morte de um cangaceiro: o caso Jararaca explicado por Girard. **Periagoge**, Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 1, n. 1, 2018.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções marginais**: interfaces do imaginário religioso. Porto Alegre: Zouk, 2005. 127 p.

PEREIRA, José Carlos. **Sincretismo religioso e ritos sacrificiais**: influências das religiões afro no catolicismo popular brasileiro. São Paulo: Zouk, 2004.

SÁEZ, Oscar Calavia. **Fantemas falados**: mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

SCHLERETH, Thomas J. **Material Culture Studies in America**. Nashville: American Association for State and Local History, 1982.